

## OS LILASES FLORESCEM TODA PRIMAVERA

Revista Blue Jeans

Hoje é um daqueles dias ruins. Tudo parece fora do meu alcance, mas tudo especialmente com o trabalho da aula de psicologia. O estúpido projeto de final de ano é levar uma foto que representa um momento realmente feliz da nossa infância.

O problema não foi escolher uma foto - eu soube imediatamente qual levaria. Em cima da minha escrivaninha tem um porta retrato com uma foto minha, aos oito anos, ao lado da vovó Sherrie, que já morreu. Era primavera e ela tinha me levado de ônibus até um festival de lilases nos corredores da cidade. Passamos a tarde cheirando as flores, de olhos fechados, inclinadas sobre botões de lilás. A foto foi tirada por um velhinho muito engraçado, que nos contou histórias hilariantes enquanto nos levava até o ponto de ônibus no final da tarde. Nunca o vimos de novo, mas, olhando para trás, me pergunto se ele não teve uma queda pela vovó Sherrie.

Olhando a foto enquanto espero o fim da minha hora de almoço, sei que a beleza da minha avó não está ali - cabelos curtos, lisos e grisalhos, olhos levemente saltados. O nariz é grande demais e a testa muito alta. Ela é baixinha e um pouco atarracada. Ao seu lado, segurando firme na sua mão, eu sou uma cópia dela, menor e mais jovem. Tínhamos até os mesmos pés estreitos, magros, de dedos incredivelmente compridos. Tínhamos. Agora já não acho tão divertido rir dos meus pés ridículos, como fazia quando estava com ela.

Quando minha avó morreu, há dois anos, eu me senti perdida. Por isso, não tive dúvidas sobre a foto que levaria para a aula. Não posso perder esta oportunidade de trazê-la de volta um pouquinho que seja e de celebrar as marcas que ela deixou na vida. Mas sei que poucas pessoas - talvez nenhuma - vão apreciar o presente que eu quero compartilhar com uma certa timidez e ansiedade.

Sento na minha carteira, aliviada por ter chegado sã e salva.

Não sei por quê, mas é no momento da entrada na escola que eu me sinto mais isolada. Cercada de pessoas, fico mais consciente do que nunca do quanto estou longe delas. Não tenho ninguém para andar ao meu lado, contando fofocas. Vejo essas pessoas todos os dias, às vezes passo bem perto delas. Mas são quase como os estranhos com que cruzo na rua. Nem sequer nos olhamos nos olhos.

À medida que as pessoas entram na sala, fico ali sentada com a foto no colo, emoldurada pelas minhas mãos. Por que eu não trouxe outra? Por que tive tanta certeza de que minhas palavras poderiam explicar o que sinto?

A professora vai até a frente da sala. Não gosto especialmente dela, nem ela de mim. Ela prefere os alunos que ficam depois da aula para conversar sobre namorados e outros assuntos que me interessam pouco. Eu fico depois da aula para lhe mostrar artigos sobre novos tratamentos para autismo. Queria que ela gostasse de mim, embora não consiga respeitá-la.

Ela pede voluntários para começar as apresentações. Sorri para mim, que estou na primeira fila (onde mais eu estaria?), numa atitude de expectativa. Eu me levanto, a perfeita voluntária-para-ir-primeiro. Uma voz vem lá de trás:

- Aposto que ela trouxe uma foto da sua primeira enciclopédia: não, desculpe, essa está pendurada em cima da lareira.

Olhos, todos aqueles olhos em cima de mim, com aquele olhar vazio reservado para as pessoas que se observa sem prestar atenção.

- Esta é uma foto da minha avó Sherrie comigo, quando eu tinha oito anos. Ela me levou a um festival de lilases. Era um evento anual - evento? Eu deveria ter dito outra coisa - lá tinha todo tipo de lilases, espécies raras e comuns, cor-de-rosa, roxos e brancos. Foi maravilhoso - chato.

Abaixei os olhos para a foto. A mulher e a menina, de mãos dadas, emolduradas por uma sebe alta salpicada de pontinhos de botões de lilás. As duas parecem prestes a sair para conquistar o mundo, só as duas, com seus sapatos feitos para caminhar.

- Quando olho para esta foto, quase posso sentir o perfume dos lilases. Especialmente agora, na primavera. Foi um passeio maravilhoso. Depois que voltamos para casa, minha avó fez macarrão para mim e me deixou pôr lascas de chocolate no meu sorvete... - estou saindo um pouco do assunto. Estou perdendo o público que nunca tive.

- Mas foi um dia maravilhoso, como eu disse. É difícil lembrar de outro dia como esse. Minha avó ficou doente quando eu tinha nove anos... - de repente, lágrimas escorrem pelo meu rosto - e nunca mais ficou boa. - Hora de sair correndo, fugir, ou pelo menos sentar.

Desabo na cadeira, agarrada à foto. Nenhum aplauso.

Abruptamente, com um ar excessivamente animado, a professora chama outra pessoa. A aula logo termina, mas parece que dez ou doze anos se passaram. Quando o sinal toca, eu me misturo à multidão no corredor.

Falando em dia ruim...

Mas, como se diz, sempre existe um amanhã. Isso, para mim, significa que não adianta passar por hoje, porque você vai ter que fazer tudo de novo em menos de vinte e quatro horas.

Mas aqui estou eu, no dia seguinte, chegando apressada para a aula de física. Acabei me atrasando porque deixei minha pasta cair e tive que recolher a papelada espalhada pelo chão. Todo mundo me olha. No dia anterior eu quebrei duas regras importantes: não só demonstrei emoção excessiva como também confessei que eu realmente me importava com algo tão inusitado quanto uma avó. Bom, num dia eu sou invisível e no outro sou objeto de chacota pública. Ambas situações pouco invejáveis. Caminho até o meu lugar. Em cima da cadeira há um saco de papel. Esperando encontrar um uniforme de ginástica e um par de tênis malcheirosos, olho para dentro.

Ai. Ai. Meu Deus! Minhas pernas ficam moles.

A sacola está cheia de galhos de lilás. Aspiro seu perfume com minha alma, posso senti-lo como um pedaço de mim que pensei que tivesse murchado e morrido. Será que eu ainda estou no mundo real? Levanto os olhos (todos ainda me observam com olhos de peixe morto). Mas tem que ter sido um deles, algum rebelde sentimental disfarçado. Qual deles?

Tiro a sacola e me sento. A professora fica irritada.

- Vamos começar, pessoal? Suas apresentações de ontem vão contar...

Há um pedaço de papel no meio dos botões. Abro e leio estas duas linhas:

Nós encontraremos nosso direito de ser. Até os lilases florescem toda primavera.

No final das contas, todos nós só queremos ser amados.

JAMIE YELLIN, 14 ANOS